

# **Economia do moto perpétuo ou dos espantalhos perpétuos**

**Debate: Marcos Lisboa e Samuel Pessoa versus Nelson Barbosa**

*Folha de S. Paulo*, 26.3 e 1.4.2018

**Afinal, quem está debatendo de forma honesta, os dois ortodoxos ou o heterodoxo? Fica ao leitor a decisão.**

## **A economia do moto perpétuo**

**Marcos Lisboa e Samuel Pessoa**

*Folha de S. Paulo*, 26 de março de 2018

**Para os heterodoxos, basta mais gasto público para ficarmos mais ricos; fosse assim, seria difícil entender o atraso de muitos países**

Os economistas heterodoxos brasileiros frequentemente defendem que a expansão do gasto público pode ser autofinanciável.

O maior gasto público na expansão da produção amplia a oferta de bens e serviços, ao mesmo tempo que aumenta a renda das famílias e o seu consumo. O crescimento da economia aumenta a arrecadação de tributos, financiando o maior gasto público.

Descobriram o círculo virtuoso: o Tesouro emite dívida, e o resultado é o maior crescimento econômico e da receita de impostos. No fim do ciclo teríamos a redução da dívida pública como fração da economia! Economistas heterodoxos declaram sucesso onde a física fracassou: a invenção do moto perpétuo.

Como escreveram Nelson Barbosa e José Antônio Pereira de Souza no texto "A inflexão do governo Lula: política econômica, crescimento e distribuição de renda": "Em outras palavras, o eventual financiamento do investimento público por meio da emissão de dívida não seria necessariamente incompatível com a meta global de redução da relação dívida/PIB do setor público brasileiro, visto que tal investimento resultaria na elevação da própria taxa de crescimento do PIB".

A criatividade dos heterodoxos resolveu o problema da escassez. Basta gastar mais para ficar mais rico. Se essa dinâmica fosse possível, seria difícil entender o subdesenvolvimento de muitos países. Afinal, o aumento do gasto público aumenta a renda do país.

A realidade requer detalhes que as fantasias podem ignorar. O crescimento econômico e da arrecadação tributária deveria ser grande o suficiente para compensar o aumento do gasto público. A expansão da capacidade de produção da economia deveria ser rápida o suficiente para evitar que o resultado fosse apenas mais inflação. Por fim, o crescimento da receita de impostos deveria ser maior do que o aumento da dívida decorrente da taxa de juros pagas aos que aceitam emprestar ao governo.

Nossos economistas heterodoxos acreditam que a perda de 7% de PIB no biênio 2015-2016 foi responsabilidade da tímida e tardia contração fiscal de Joaquim Levy. Infelizmente eles são incapazes de escrever um artigo com as melhores técnicas da profissão documentando esse fato. Aproveitando, poderiam anunciar a boa nova de que descobriram o moto perpétuo e explicar por que a imensa expansão fiscal de 2014 não resultou em vigoroso crescimento.

No trabalho "Fiscal Policy in a Depressed Economy", Bradfor DeLong e Lawrence Summers mostram que a expansão fiscal pode ser eficaz no caso de economias com alto desemprego, inflação baixa e juros nominais nulos. Esse era o caso da economia americana logo em seguida à crise do subprime.

Certamente não é o caso e nunca foi o do Brasil, como já deixou de ser o dos EUA. A dívida americana deve aumentar como proporção do PIB em função da política fiscal expansionista de Trump —como, aliás, ocorreu no período Reagan.

Entende-se por que a mensagem da heterodoxia é tão bem-vinda aos políticos populistas. Afinal, nada melhor do que propor que quanto mais se gasta, mais rico se fica.

Muitos podem reagir às propostas da direita extremada. Não os heterodoxos. O caldo de cultura foi o fracasso da sua fantasia de moto perpétuo em meio à demonização da divergência.

*Samuel Pessôa*

É formado em física, doutor em economia e pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia da FGV

*Marcos Lisboa*

É economista, presidente do Insper e ex-secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda (2003-2005, governo Lula)

## **A economia de espantalhos perpétuos**

**Nelson Barbosa**

*Folha de S. Paulo*, 1º. de abril de 2018

### **Lamento que Lisbossôa queira construir caricaturas em vez de analisar e propor soluções para nossos problemas econômicos**

Na segunda-feira passada (26), Marcos Lisboa e Samuel Pessôa publicaram neste espaço mais um texto ("[A economia do moto perpétuo](#)") de construção de espantalhos. Como é difícil saber onde um termina e o outro começa, me referirei à dupla como uma só pessoa para economizar caracteres: "Lisbossôa".

Para Lisbossôa, todos os heterodoxos brasileiros acreditam na "economia do moto perpétuo", segundo a qual o gasto público sempre se autofinancia. Trata-se obviamente de uma caricatura pois, se há uma coisa que define heterodoxia, é justamente não ter pensamento único!

Nós brigamos muito entre nós mesmos, mas alguns economistas ortodoxos têm dificuldade em compreender isso, pois não sabem o que é divergência de opinião.

Lisbossôa não está totalmente errado, pois realmente há minorias heterodoxas que acreditam que mais demanda resolve todo e qualquer problema. Mas isso é um caso isolado, como também é aquele dos neoliberais de jardim de infância da direita, para os quais menos gasto público é o caminho do paraíso na Terra (imagine uma economia com zero de serviços públicos ... pois é).

Uma análise honesta da questão revela que o impacto de uma expansão fiscal sobre renda, preços e dívida pública depende das condições iniciais da economia.

Se há recursos ociosos e ganhos de produtividade que podem ser rapidamente acionados, o estímulo fiscal pode ser acompanhado de crescimento, queda do endividamento público (em relação ao PIB) e controle da inflação.

O próprio texto de DeLong e Summers citado por Lisbossôa analisa esse caso, como também o fez recentemente o insuspeito FMI, ao revisar suas estimativas de multiplicadores fiscais, e Auerbach e Gorodnichenko, em outra autocrítica apresentada no último encontro anual de Jackson Hole.

Mas vamos ao Brasil. Lisbossôa cita um texto de minha coautoria como prova (acusação?) da hipótese do moto perpétuo. Trata-se de mais uma pós-verdade no debate econômico brasileiro.

O texto em questão analisa a correta inflexão da política econômica do governo Lula, em 2006-10, quando houve expansão fiscal, aceleração do crescimento, controle da inflação e redução da dívida pública. Os números falam por si, mas o sucesso daquela época não quer dizer que toda expansão fiscal será sempre bem-sucedida, como indica o ocorrido em 2012-14, quando as condições iniciais eram diferentes.

Lisbossôa ignora essa diferença, como também esquece que a grande flexibilização fiscal de 2016-17 contribuiu para a estabilização da economia brasileira recentemente. Em um resultado tipicamente keynesiano, o déficit primário subiu, a renda e o emprego se estabilizaram, e a inflação caiu.

Ainda faltam controlar o crescimento da dívida e recuperar o crescimento de modo duradouro, mas os últimos dois anos comprovaram que era necessário flexibilizar temporariamente a política fiscal no Brasil (ponto para a heterodoxia).

Lamento a opção de Lisbossôa por construir caricaturas, pois é impossível debater de modo construtivo com pessoas mais interessadas em confundir o público do que em analisar e propor soluções para nossos problemas econômicos.

Mas a vida continua, e ainda creio que exista honestidade na ortodoxia brasileira. Se não em Lisbossôa, talvez entre aqueles que não precisam de espantalhos perpétuos como muleta.

*Nelson Barbosa*

Colunista da Folha, é doutor em economia e professor da FGV e da UnB; foi ministro da Fazenda e do Planejamento (2015-2016, governo Dilma Rousseff)